

A tradição por trás da criação - Cartilha do povo Tremembé

“Ser índio pra mim é saber dançar o Torém, é sentir o som de cada canto, e saber a sua história. Sentir a terra firme, saber viver nela carinhosamente. Por isso que eu sou índia Tremembé.” Depoimento de Raimundinha Junho/97

Apresentação

Através da Escola Indígena, os Tremembé estão transformando coletivamente a educação escolar em instrumento de redescoberta de sua história e de reafirmação da tradição cultural. Segundo afirmam: “a Escola é fruto da luta e reforça a luta indígena”.

Os textos e as ilustrações reunidos nesta cartilha são algumas das primeiras produções dos alunos-professores em seu processo de formação. Retratam o momento em que a Escola abordava temas significativos da vida social do grupo.

Os trabalhos foram elaborados pelos próprios índios a partir de pesquisas, encontros, discussões e oficinas num exercício conjunto de escrita e reescrita de textos, contando com a articulação entre os diversos segmentos do povo Tremembé.

O resultado, ainda que modesto em suas pretensões revela os diferentes matizes da cultura local – ensaio que desperta para questões contemporâneas como a identidade étnica, auto imagem e procura por espaços sociais de representação política.

Neste sentido, a cartilha, além de sua função didática-pedagógica e importância como registro histórico da experiência cultural é também uma tentativa de mediação e diálogo com a sociedade nacional – mais um esforço na busca de visibilidade e respeito.

O Pescador Raimundo Louro

Um certo dia, Raimundo Louro saiu de casa às 7 horas da manhã para pescar de choque na lagoa do Gengibre. Pescou até 11 horas e pegou três quilos de peixes. Quando ele chegou em casa, tirou um quilo para almoçar e dividiu dois quilos para os vizinhos, pois cada vez que ele vai pescar e pega muito peixe, ele cumpre com seu costume.

História criada por Fernando, Zé Valdir, Eliezer, Ana Lúcia, Dadinha (Junho de 97)

O passeio dos Tremembé

Era uma vez...uma tribo que se chamava Tremembé, que ficava situada na região da mata, e lá havia muitas árvores frutíferas, uma delas se chamava cajueiro.

O povo dessa tribo queria descobrir algum tipo de bebida diferente, então resolveu andar pela mata procurando descobrir qual fruto teria mais suco. Por onde eles passavam viam cajueiro, mangueira, ateira, bananeira, mas todos com frutos ainda verdes.

Eles andaram, andaram, até que resolveram voltar e, na volta, continuaram procurando. Os frutos que estavam verdes já estavam todos maduros, até que finalmente encontraram uma fruta amarelinha bem suculenta, algumas com sabor doce e azedo. Eles resolveram pegar e espremer esta fruta e descobriram que ela tinha um suco forte e fermentado, e todos da tribo aprovaram esta bebida. E esta bebida ficou na história dos Tremembé de geração e, até hoje, é usada nos rituais da tribo, na dança do Torém, mais freqüente de setembro a dezembro, que é a época do caju maduro.

História criada por Neta, Neide, Ivonete, baseada na música Canungá do Torém (junho/97).

Almofala e Alma Fala

Caros amigos, quero lhes contar uma história que para mim é muito importante. O título da história é: porque Almofala tem o nome de Almofala.

Pois vou lhes contar: quando aqui era só mata e mar e só os índios habitavam aqui eles falavam seu idioma, que só eles sabiam. Foi em 1501, quando o mar era bem perto da mata, os portugueses navegavam por aqui, ouviam vozes, mas não entendiam, e não viam ninguém.

A princesa Isabel havia mandado navegadores mar afora à procura de mais descobertas sobre a região que Pedro Álvares Cabral havia encontrado há pouco tempo. Voltando para Portugal eles informaram à princesa Isabel que haviam encontrado uma pequena região onde se ouviam vozes, que não entendiam nada, e era só mata e mar.

A princesa ficou interessada, mandou que os navegadores voltassem até lá e procurassem os habitantes e voltassem com mais informações, e assim fizeram. Ao chegar novamente aqui, ouviram vozes, mas quando chegaram perto da mata não ouviram mais nada, nem viram nada, somente canto de pássaros. E, depois de algum tempo de procura, resolveram falar bem alto:

- Alma fala! Alma fala!

E nada. Voltaram para Portugal assustados, contaram à princesa o que tinha acontecido:

- Lá, só alma fala, não existe ninguém

Depois de algum tempo, a princesa mandou novamente navegadores a esta pequena região, que já era conhecida por eles como Alma Fala. Desta vez deu certo, depois de muita procura encontraram um índio que havia saído para caçar. Quando os índios viam caravelas se aproximando, eles se escondiam no meio da mata e não sabiam por nada. A fome já estava apertando e foi por isso que um deles saiu para caçar. Foi um encontro assustador, porque um não entendia a língua do outro, eram bem diferentes um do outro. Ao ouvirem vozes diferentes junto com a de um deles, resolveram sair aos poucos para ver o que estava acontecendo. Por fim, os portugueses ficaram prisioneiros até que houvesse um acordo entre eles. Mas a princesa mandou outros navegadores à procura deles e quando encontraram já tinham entrado em um acordo, que os portugueses trariam outros tipos de alimentos em troca de frutos e mel silvestres que iriam para a princesa Isabel. Estes foram os primeiros contatos dos índios Tremembé com os portugueses.

E, com o passar do tempo e de mais contato com os portugueses foi mudando de tradição, de língua e uma destas mudanças foi a troca de nome, que de Alma Fala passou a se chamar Almofala. Mas isso só aconteceu depois da chamada por eles de civilização.

História contada por Dona Nenê Beata, recolhida por Neide (junho/97).

No tempo de nós mais velhos

No tempo de nós mais velhos, éramos pequenos aqui em nosso lugar por nome Tapera, tinha mata e caça, frutas e peixes. Nós nos juntávamos de cinco a oito meninos e ganhávamos a mata caçando de arco e flecha, pois não tínhamos baladeira, nem espingarda.

Se saíamos pela manhã, só voltávamos à tarde; todos com a barriga cheia de várias frutas, e nossos pais não ligavam para nós filhos, devido não se estar trabalhando porque não se precisava trabalhar. Tinha muito peixe (curimã) no rio, nas lagoas e no

mar. Também tinha muita fruta do mato, muitas marrecas nas lagoas... era uma vida muito boa para nós crianças e os velhos.

Quando chegavam os festejos dos santos, tinha grande animação das moças, rapazes e crianças. Os velhos iam contar histórias, as velhas rezavam, as moças brincavam de roda e anel, os rapazes observavam e nós crianças brincávamos de escondidinho.

História contada por senhor Calixto, recolhida por Eliezer (junho/97).

Papoco e Mané Caboclo

Papoco e Mané Caboclo
Entraram numa questão,
Por causa de uns cajueiros
Plantados pela Nação,
Mané Caboclo em Urubu
Papoco na povoação.

Verso do senhor Marcionílio, recolhido por Fernando (junho/97).

Narrativas e desenhos Tremembé: A tradição por trás da criação

As histórias aqui narradas constituem um patrimônio cultural dos Tremembé pouco discutido por aqueles que trabalham em Almofala e, em geral, com os índios do Nordeste. Essas narrativas primam pela criatividade, mesmo quando tratam de pessoas, lugares e eventos bastante conhecidos pelos índios. Um exemplo é a versão do topônimo “Almofala” como sendo originário da expressão “alma fala”, interpretação que não encontra respaldo nos textos históricos e antropológicos produzidos acerca dos Tremembé.

Todas as narrativas falam da flora e da fauna locais. Para os Tremembé a natureza é viva – rios e mangues estão repletos de encantados e têm uma movimentação própria que é acompanhada e transmitida oralmente: tempos atrás a duna cobriu a igreja e a barra do rio, o mangue cresceu. A partir dessa visão do meio ambiente, podemos apreender um pouco do modo de vida Tremembé, sem esquecer das matas perdidas, dos cajueirais cercados e do conflito latifundiário que enfrentam.

Os desenhos fazem parte da “arte Tremembé” que inclui o grafismo em cerâmicas (nos padrões difundidos por todo o Ceará) e a pintura com argila colorida – o “toá” – nas paredes das casas de taipa, praticada em localidades da Área indígena de Almofala. Um repertório comum de pontos, linhas e curvas reaparece nos desenhos com grande liberdade individual. As pinturas e os desenhos Tremembé também retratam o espaço vivido e imaginado por eles.

Um grupo indígena que passou por transformações forçadas e aceleradas pelo contato com a sociedade brasileira e com as relações capitalistas, faz uso da mudança cultural para falar de si mesmo. A expressão artística se dá em diversas técnicas e suportes: do desenho com toá na cerâmica, sai para a pintura com toá nas paredes das casas de taipa e, depois, para o desenho com canetas coloridas sobre papel. As narrativas passam da fala para o texto escrito.

Nesses “novos” percursos, os índios Tremembé apontam, os sinais da antiguidade as ocupação indígena na área e demonstram o costumeiro senso de observação de onde

saíram, por exemplo, o Torém e o mocoioró. Ou seja, indicam de onde vem a “tradição”.

Alecsandro Ratts, doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

Organizadores

Evaldo Mendes da Silva

Ivo Sousa

Karla Virgínia C. Monteiro